

Abrindo caminho no peito e na raça

No ano passado, revoltados com o péssimo estado de uma estrada, alguns pequenos produtores atearam fogo a três pontes de madeira. Este ano, antes que as rodovias federais do Médio Araguaia ficassem inteiramente intransitáveis e se perdesse uma safra de 180 mil toneladas de grãos, os produtores e prefeitos da região puseram mãos à obra. Reabilitando o velho conceito de que a união faz a força, uns entraram com máquinas, outros com óleo diesel, e assim estão recuperando 1.500 quilômetros de estradas.

O projeto apropriadamente chamado de "Arranca Safra", coordenado pela recém-criada Associação dos Produtores do Médio Araguaia (Apamara), sofreu, é verdade, alguns reveses. O mais notável deles foi ter esperado ajuda do Departamento Nacional de Estradas de Rodagens (DNER), a quem compete conservar as rodovias federais, que são as principais, no Médio Araguaia. Os diretores da Apamara mandaram telex para o Ministério dos Transportes, ao qual o DNER está subordinado, e receberam como resposta promessas de ajuda. "Mas depois eles esqueceram e não contribuíram com absolutamente nada", diz Adalberto Torkarski, secretário Executivo da Apamara.

Em todo caso, o Ministério da Agricultura colaborou com 71 mil litros de diesel. E a Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco), do Ministério do Interior, está tratando de aumentar o ritmo das obras de terraplenagem e revestimento primário da BR-158, que corta a região de sul a norte — um trabalho que, por falta de verbas, se arrasta desde 1985.

O plano de arrumar as estradas agitou toda a cidade

Outra boa ajuda federal poderia ser dada pelo 9º Batalhão de Engenharia Civil que está sediado na BR-242, em São Félix do Araguaia, com a missão de fazer a manutenção da rodovia. Mas, queixa-se o pessoal da Prefeitura de São Félix, o 9º BEC simplesmente não fez nada. "Primeiro, eles alegavam que não tinham combustível. Depois nós oferecemos combustível e eles disseram que as máquinas estavam quebradas."

De modo que às prefeituras e os produtores tiveram que se lançar ao trabalho. Em São Félix do Araguaia, agradável cidade às margens do rio — que tem problemas para navegação —, o prefeito José Antônio de Almeida, o "Baú" (PL/PFL), pôs em ação suas máquinas: três motoniveladoras, uma pá carregadeira, um trator de esteira, seis caminhões. O plano de arrumar as estradas agitou toda a cidade. José Carlos Christichini, um paulista com 25 anos de Araguaia, dono de 1.000 hectares onde planta arroz, pulou para sua moto de 350 cilindradas e foi visitar os amigos. "Em menos de quatro horas consegui 3 mil litros de óleo."

O próprio Baú deu 300 litros, com dinheiro do seu bolso. PT BAÚ era o prefixo do avião Cessna 172 com que o hoje prefeito Almeida chegou de Minas Gerais em 1971, como piloto. "Era a época de abertura das grandes fazendas. Voávamos o dia inteiro, ganhávamos muito dinheiro", recorda ele. Nos tempos seguintes, quando seus colegas pilotos foram voar em garimpos, Baú preferiu ficar. Havia comprado terras e gostava da política. Hoje tem duas fazendas, num total de 6 mil hectares, com 1.800 reses. A pecuária, com 700 mil cabeças, também é muito for-

te na região. Baú também precisa de estradas boas.

O movimento "Arranca Safra" e sua ação eficiente viabilizaram rodovias em cidades como Santa Terezinha, Vila Rica, Porto Alegre do Norte e Luciara, mas, apesar disso, em muitos casos a safra não foi arrancada dali. Foi colhida, mas não transportada. E isso

deixou muito bravo Melchior Zanetti, um gaúcho da região de Passo Fundo que há sete anos chegou a Luciara e hoje é um dos maiores produtores do município. Ele colheu 40 mil sacas de arroz que, quando o JT esteve em sua fazenda Sossego, encontravam-se armazenadas. "Estou esperando pelo governo", lamentava-se.

"Voávamos o dia inteiro. Ganhávamos muito dinheiro."

Seus problemas, conforme relatou, eram singulares: com o preço que o governo está pagando pelo arroz, Melchior precisa produzir 29 sacas por hectare só para pagar o financiamento devido ao Banco do Brasil. Mas a produtividade da região, "padrão do próprio banco", é de 30 sacas por hectare. Quem colhe 30 e paga 29 não ganha nada. "Antes, com 14 sacas por hectare pagava-se o custeio do Banco do Brasil", diz Melchior. "Mas, hoje, uma saca de 60 quilos de arroz tem o mesmo valor, aqui, do que um pacote de cinco quilos no supermercado."

Melchior está preocupado, porque o financiamento venceu e ele está pagando juros. Mas já resolveu: "Se trabalhar dá prejuízo, é melhor ficar parado". Ele também cria gado, 1.500 cabeças, e vai dedicar-se exclusivamente a isso. "Arroz não planto mais!", esbraveja ele.

Em todo o leste do Mato Grosso não há um metro de estrada asfaltada. Para ir a Goiânia, a saída natural para o sul, quem está em São Félix do Araguaia roda 1.020 quilômetros, 380 dos quais em terra. Antes do "Arranca Safra", a viagem demorava doze horas, agora, apenas cinco. A grande aspiração dos prefeitos dessa região é a abertura de uma projetada rodovia que, na margem direita do rio Araguaia, no Estado do Tocantins, atravessa por 90 quilômetros a Ilha do Bananal. E com mais 60 quilômetros (num total de 150, partindo de São Félix) chega à Belém-Brasília, caminho fácil para a capital do país e para Goiânia. Mas contra a rodovia erguem-se os ambientalistas, que vêem nela um risco para a fauna da ilha.

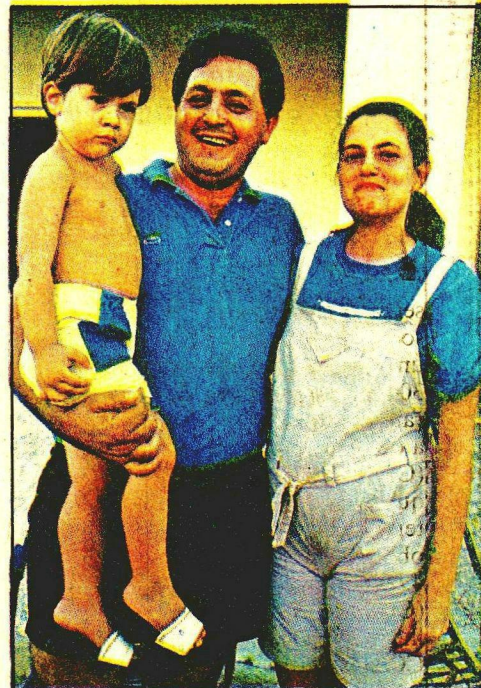
"Eu me reúno com os produtores. Cada um põe um pouco e abrimos a estrada."

O prefeito Baú acha essa preocupação descabida. Diz que no verão os pecuaristas do Tocantins passam milhares de cabeças de gado para a ilha, o que é verdade. Baú tem experimentado boas vitórias, pelo menos na política, e está disposto a brigar pela estrada. Em política, venceu o candidato ligado à igreja e assim impôs uma derrota ao polêmico bispo de São Félix do Araguaia, D. Pedro Casaldáliga — que não estava na cidade, quando o JT lá esteve. "Moderado de centro", como se define, o mineiro Baú tem um elogio para cada um dos candidatos da direita a presidente — e até para Sarney "por sua moderação, que garantiu a transição" — mas não se fixa em um nome. Quanto aos males do país, acha que o problema "é gerencial".

Em Luciara, a 100 quilômetros de São Félix, o prefeito Nagib Elias Quedi, do PDC, que situa na "inatividade de quem administra" a causa dos problemas da nação, vê na abertura de uma nova estrada o meio de sobrevivência de sua cidade. Luciara é fim de linha. "Eu me reúno com os produtores, cada um põe um pouco, e abrimos a estrada" — decide.



Ao lado, o prefeito de São Félix, José Antônio de Almeida, desiludido com a ajuda do Batalhão de Engenharia do Exército: "Primeiro, eles alegavam que não tinham combustível. Depois, oferecemos combustível e eles disseram que as máquinas estavam quebradas". Abaixo, o gaúcho Zanetti, com 40 mil sacas de arroz estocadas: "Estou esperando pelo governo".



Família Quedi: parto à luz de velas.

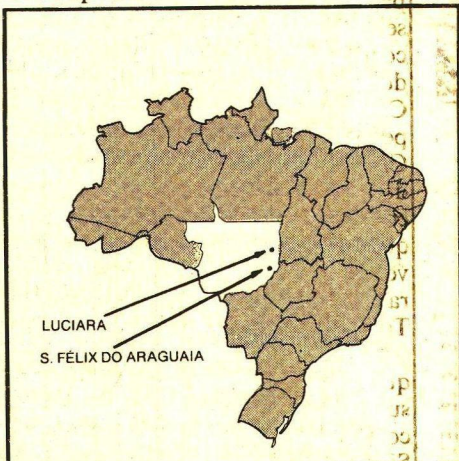
A troca da pesquisa pela aventura

Antes de viver seus tempos de aventura, o médico gaúcho Nagib Elias Quedi ganhou o prêmio de melhor trabalho científico, em Florianópolis, por suas pesquisas sobre a relação das emoções com a pressão arterial. Essa sua contribuição à medicina foi publicada por uma conceituada revista especializada dos Estados Unidos. Mas, de repente, Nagib resolveu jogar tudo para o ar — seus três empregos em hospitais e mais o consultório, que lhe garantiam sobrevivência modesta — e mudar-se para o Médio Araguaia. Mais precisamente para Luciara, cenário que sugere uma pintura barroca, com o rio Araguaia de fundo.

A mulher, Cláudia Helena, bióloga interessada em ictiologia (o estudo dos peixes), naturalmente o seguiu. Foi há cinco anos. Ele tinha 25 anos e ela 21. Na primeira viagem para Luciara, Cláudia Helena (que nos primeiros tempos ainda estudava, em Florianópolis) chegou à cidade pelo Araguaia, numa lanchar voadeira. O relato dessa aventura fez muito sucesso entre amigos e parentes, na volta a Florianópolis.

Na cidadezinha, Nagib começou a trabalhar como médico da prefeitura, para um hospital que existia apenas no papel. E acabou construindo ele próprio o hospital. Sua vida profissional melhorou muito: "Aqui eu tenho tempo de conversar com os pacientes, ler, estudar". Há dois anos e meio, quando Cláudia Helena começou a sentir as dores do parto, não havia nem luz de gerador na cidade. Ele mesmo fez o parto do filho, numa sala do hospital, à luz de velas.

Nas últimas eleições, resolveu candidatar-se a prefeito, pelo PDC. Concorreu com o filho do fundador da cidade, que já tinha sido duas vezes prefeito. "Derrubamos ele de vareio", gaba-se Nagib, um prefeito cheio de planos. Cláudia Helena faz um apelo a entidades oficiais ou não, que possam manter com ela um intercâmbio cultural. Ela quer prosseguir em suas pesquisas com peixes, está com o Araguaia defronte à sua casa, mas não tem como conseguir literatura especializada e material de apoio.



Compare os dois mundos

Brasil real

● Explorando um setor que, até o final do ano, pode alcançar o faturamento de US\$ 180 milhões, as indústrias de cadernos escolares — que produzem cerca de 250 milhões de unidades por ano — prepararam-se para abrir novos mercados no exterior. Durante o período de baixa nas vendas — de fevereiro a outubro — os fabricantes brasileiros vendiam US\$ 18 milhões por ano aos Estados Unidos, mas foram atingidos pela retaliação decretada pelo governo americano, por causa da lei de reserva de mercado da informática. Agora, a indústria vai investir na Europa, Canadá e Austrália.

Brasil oficial

● Depois de examinar as contas de 5 usinas de açúcar e álcool, das cerca de 200 que operam em todo o país, a Receita Federal apurou um déficit de NCz\$ 70 milhões. Após investigar as contas de todo o setor, o órgão projetou arrecadação de cerca de NCz\$ 1 bilhão, só em obrigações que não foram pagas pelos usineiros. O montante se refere somente ao não pagamento da cota de contribuição de açúcar e do álcool que, até o ano passado, era arrecadada pelo IAA — Instituto do Açúcar e do Alcool. Agora, a Receita também vai apurar outras possíveis fraudes.

Notícias do Brasil real

O setor de papel e celulose, que sempre faturou mais com as exportações do que com as vendas para o mercado interno, está registrando esse ano uma situação inversa. De acordo com dados da Associação Nacional de Fabricantes de Papel e Celulose, de janeiro a julho deste ano o setor exportou 11,6% menos papel em relação a igual período do ano passado. As vendas para o mercado interno de janeiro a julho, por sua vez, foram 2.158.000 toneladas, o que corresponde a um acréscimo de 5%, se comparados a igual período de 88.

De acordo com empresário Horácio Cherkasky, presidente da associação e diretor financeiro da Klabin, esse aquecimento deve-se ao aumento de consumo que vem sendo registrado também em outros setores da economia. As vendas de ce-

lulose para o mercado interno, que foram de 1.658.000 toneladas de janeiro a julho deste ano, foram 2,4% superiores ao faturamento de 1988. Segundo o empresário, o setor está operando próximo à capacidade instalada. Em 1988, foram fabricados 4.700.000 toneladas de papel e 6.600.000 toneladas de celulose.

Para este ano, segundo Cherkasky, as previsões são de uma produção superior: a média de produção de papel ondulado, que era de 94 mil toneladas por mês na época do Plano Cruzado, deverá chegar neste mês a 105 mil toneladas.

O que preocupa os empresários do setor, segundo Cherkasky, é a falta de matéria-prima. Há dificuldades para compra de soda cáustica, matéria plástica para embalagem, produtos químicos em geral e aço inoxidável.